

A Construção de uma escola quilombola: desafios e perspectivas.

Juliana Pacheco de Oliveira¹

Resumo

A Escola Municipal Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira em São Pedro da Aldeia, Rio de Janeiro, é uma conquista da comunidade da Caveira e o seu nome homenageia Dona Rosa, grande liderança local, produtora de farinha, poetisa e sindicalista. Diante do contexto de luta e resistência do quilombo e da preocupação da comunidade com a preservação de suas histórias, fiz o seguinte questionamento: “De que forma as narrativas sobre a comunidade poderiam ser inseridas no currículo escolar e dar mais significado à aprendizagem dos alunos?” A partir da minha experiência na escola, percebi a necessidade da construção de um material pedagógico para a unidade escolar e de um acervo público para a comunidade com o objetivo de oferecer visibilidade, conhecimento e divulgação sobre o protagonismo negro e quilombola da Caveira. Esse material está disponibilizado no web site www.quilombocaveira.com como forma de aliar e articular as narrativas orais dos anciãos da comunidade da Caveira com a sala de aula e a escola. Esse trabalho também tem como objetivo que os alunos da escola conheçam tenham acesso à história local e à história do Brasil a partir das pessoas que a construíram como ferramenta de uma Educação Antirracista.

Palavras-chave: Educação Escolar Quilombola; Educação Antirracista; Quilombo da Caveira; Web Site; Quilombo da Caveira;

1. Introdução

A minha jornada como professora de História foi permeada pela minha própria trajetória como aluna e pela certeza de que a escola tem uma função social importante que vai além da aquisição de conteúdo. Foi assim que escolhi o magistério e, conforme ia me tornando professora, percebia que a minha prática me conduzia à busca por uma educação antirracista.

Concluí a graduação em História no ano de 2006, na Universidade Veiga de Almeida, e no ano seguinte comecei a lecionar a disciplina para alunos do 6º ao 9º ano na Escola Municipal Darcy Ribeiro, no município de Armação dos Búzios.

Em 2008, tive minha primeira experiência com comunidades quilombolas ao assumir a disciplina de Cultura Afro-Brasileira na Escola Municipal João José de Carvalho, localizada na comunidade quilombola da Rasa. Era meu segundo ano como docente e havia recém terminado uma Pós-Graduação em História e Cultura Afro-Brasileira na Fundação

¹ Mestra em Ensino de História – UFF; Coordenadora de Educação Escolar Quilombola e Antirracista- Seme SPA; Dinamizadora do Programa de Ensino em História e Cultura Africanas, afro-brasileira e indígena - Seme Cabo Frio; E-mail: jupacheco@id.uff.br;

Educacional da Região dos Lagos (Ferlagos).

Essa experiência foi determinante na minha jornada como educadora, porque através desse trabalho tive contato com a Associação de Mulheres Negras e Afrodescendentes da Rasa (SOMUNEAR) e lideranças quilombolas como Dona Uia, passando a desenvolver vários projetos com a participação da comunidade.

Na época, ainda não haviam sido homologadas as Diretrizes Curriculares da Educação Escolar Quilombola na Educação Básica/2012 e eu não tinha conhecimento algum sobre debates acerca dessa Educação. Dessa forma, buscava cumprir as determinações da Lei 10.639/2003 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana/2004. Não havia na Rede Municipal de Ensino uma matriz curricular para a disciplina e ficava sob minha responsabilidade a seleção dos conteúdos e materiais utilizados.

Nos anos seguintes, trabalhei em outras escolas de municípios diferentes, tendo lecionado também na rede privada de Araruama por 8 anos. Ao longo da minha trajetória como docente, busquei sempre articular a cultura afro-brasileira e o combate ao racismo em minhas aulas e desenvolver projetos pedagógicos interdisciplinares, mas o meu entendimento de que a prática estava longe de realmente atacar o problema veio após a leitura de vários autores (as) negros (as). Estava certa de que precisava de um momento de autoavaliação para que pudesse buscar de fato a Educação Antirracista que almejava. Esses 16 anos de magistério foram um caminho de aprendizado até que eu ingressasse no mestrado profissional em Ensino de História (ProfHistória), na Universidade Federal Fluminense, no início de 2022.

Em uma tarde de julho de 2021, recebi o telefonema do Coordenador de História da Rede Municipal de São Pedro da Aldeia da época, dizendo que eu havia sido selecionada com mais dois professores de História efetivos do município para concorrer à vaga de Coordenador de Educação Escolar Quilombola. Ele atribuiu essa indicação ao meu perfil e às atividades que eu desenvolvia na escola sobre História e Cultura Afro-Brasileira e Antirracismo.

Apesar de não ter pretensão de me envolver nesta tarefa, me vi atraída por um desafio novo. No dia seguinte, compareci para a entrevista e, no dia 11 de agosto, assumi a Coordenação junto com a professora de História Sílvia Rohem. Nossa principal tarefa seria a Construção de um currículo diferenciado e a Formação Continuada dos professores da Escola Municipal Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira, no quilombo da Caveira, em São

Pedro da Aldeia, que atende crianças quilombolas e não quilombolas da Creche ao 5º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais.

O Quilombo da Caveira está localizado na área rural de São Pedro da Aldeia, no estado do Rio de Janeiro, mais especificamente na Região dos Lagos, onde existem alguns outros quilombos. Sua certificação como “remanescente das comunidades de quilombo” pela Fundação Cultural Palmares ocorreu em 2004 e até hoje os quilombolas aguardam a titulação de suas terras. O processo histórico de formação desse quilombo se deu no contexto do Pós-abolição como tantos outros quilombos do Brasil e teve como período de maior conflito os anos de 1950 e 1970, época de intensas disputas pela terra.

A construção da Escola Municipal Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira, inaugurada em 28 de maio de 2013, foi uma parceria entre o município e o governo federal, através do programa Brasil Quilombola, mas é resultado da luta de homens e mulheres do Quilombo. Foi a primeira escola quilombola inaugurada no Rio de Janeiro e o seu nome homenageia Dona Rosa Geralda, grande liderança local, produtora de farinha, poetisa e sindicalista. Para os quilombolas da Caveira isso foi uma grande conquista, já que agora possuem uma escola dentro de seu território.

Dona Rosa é extremamente relevante para a luta dos quilombolas da Região dos Lagos, uma região composta por tantas comunidades reconhecidas, como Baía Formosa e Rasa, em Armação dos Búzios. Já em Cabo Frio, temos os quilombos de Botafogo, Maria Joaquina, Preto Forro, Fazenda Espírito Santo, Maria Romana e São Jacinto. Em Araruama encontram-se Sobara e Prodígio.

O resultado da minha pesquisa no mestrado aliada ao meu trabalho na coordenação foi a criação de uma metodologia de ensino quilombola e antirracista através do uso de biografias e saberes da comunidade. O material produzido durante esses anos está disponibilizado no site Quilombo da Caveira hospedado no endereço www.quilombocaveira.com.

2. Metodologia

Este é um relato dos desafios vividos nos anos em que atuei como coordenadora de Educação Escolar Quilombola (doravante EEQ) na E.M. Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira. É fruto de experiências, muitas escutas e reflexões que fiz ao lado da professora de História Sílvia Rohem, também coordenadora de EEQ.

Entre 2021 e 2023 realizei visitas e entrevistas com a comunidade, relatórios,

formações e reuniões pedagógicas com os professores, projetos, roda de conversa com os alunos e reuniões com os responsáveis. Esse trabalho nasceu de uma observação participante em que eu vivi na prática cada momento desses três anos, de diversos ângulos, inclusive do institucional, dentro da Secretaria de Educação.

3. Desenvolvimento

Ao chegar à Escola Municipal Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira fomos bem recebidas pela direção, no dia 17 de agosto de 2021, uma terça-feira. Conhecemos a sua estrutura, conversamos com a diretora sobre as demandas da escola e as perspectivas para o trabalho que iríamos realizar. Ouvimos relatos sobre a comunidade, problemas relacionados ao reconhecimento da identidade e a falta de conhecimento por parte dos alunos da história da comunidade.

Na época, não conseguimos ter muito contato com as professoras, porque as aulas estavam retornando lentamente na modalidade de ensino híbrido. Dessa forma, esse início foi muito mais voltado para pesquisa bibliográfica.

Destaco a primeira leitura que fiz sobre o Quilombo da Caveira, a tese da professora quilombola e doutora em Educação Gessiane Ambrosio Nazário Peres (2020), apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, intitulada “O desafio da mudança: Educação Quilombola e luta pela terra na comunidade quilombola Caveira do Rio de Janeiro”. O trabalho apresenta uma análise do processo de luta dos quilombolas, tanto por território como por uma escola dentro do quilombo. Também aborda a formação identitária da comunidade e como essas questões refletem na escola. Este trabalho apresenta uma série de entrevistas realizadas com os anciãos da Caveira.

Com a tese da professora Gessiane, pude conhecer mais a história do Quilombo e, a partir daí, busquei leituras para que eu pudesse compreender de fato o que seria a educação escolar quilombola. Mergulhei na pesquisa sobre o “Quilombo da Caveira”, sobre “Educação Escolar Quilombola” e nas “Legislações” que dariam base ao meu trabalho.

A Educação Escolar Quilombola (doravante DCNs) é uma modalidade de ensino da Educação Básica que se oficializou no Brasil a partir da resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012 que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Segundo o documento, a EEQ deve ser ofertada em escolas em território quilombola ou que atendem estudantes oriundos de territórios quilombolas.

As DCNs quilombolas determinam a necessidade de uma pedagogia própria que

proporcione aos estudantes quilombolas e aos demais alunos uma compreensão profunda, ética e contextualizada da realidade dessas comunidades. Esta educação diferenciada deve estar intrinsecamente ligada à realidade histórica, regional, política, sociocultural e econômica de tais comunidades e deve contar com a participação da comunidade escolar e comunidade quilombola, como também das lideranças e organizações existentes no território.

O documento também determina que o currículo e o projeto político pedagógico dessas escolas deve ser elaborado com base nos valores e interesses dessas comunidades, respeitando e valorizando suas particularidades e aspirações e utilizando material pedagógico adequado. Tais recomendações se estendem à alimentação escolar, que deve estar voltada para as especificidades socioculturais das comunidades quilombolas e da presença preferencial de professores e gestores quilombolas nas escolas.

Outra leitura fundamental para o início do nosso trabalho foi o livro “Educação e luta política no quilombo de Conceição das crioulas”, da professora e doutora quilombola Givânia Maria da Silva, um importante trabalho sobre participação e protagonismo feminino na luta por uma educação que possa melhorar a vida da comunidade. A comunidade localizada no município de Salgueiro, em Pernambuco, é um exemplo de luta pelo acesso à educação, pela autonomia curricular e pelo direito à terra e que serviu de inspiração para as DCN's da Educação escolar quilombola.

Em setembro de 2021, fizemos a primeira reunião com a Associação de Remanescentes do Quilombo da Caveira e nela estiveram presentes o Secretário de Educação da época, a Subsecretária de Educação, a Assessora Técnica da Semed, a Direção da Unidade Escolar, o Presidente e a Secretária da Associação de remanescentes do Quilombo da Caveira Thainara dos Santos, e as coordenadoras de Educação Quilombola.

Debatemos assuntos importantes para a escola e ouvimos do Sr. Roberto dos Santos, presidente da Associação, a sua preocupação que de fato a escola fosse quilombola. Ele citou a lei 10.639 e disse que era preciso colocar a Lei de Diretrizes da Educação Quilombola para funcionar. Além disso, reafirmou que muitos professores que vêm trabalhar na escola desconhecem a história do quilombo.

O presidente da Associação fez um breve histórico sobre a história da comunidade, ressaltando o papel de D. Rosa e os aspectos importantes que as crianças precisam conhecer. Falou sobre o sonho da comunidade em ter a escola por causa da dificuldade na locomoção para outras escolas e da luta para essa conquista.

A diretora da unidade escolar reforçou a necessidade da construção de um currículo que tivesse habilidades quilombolas, porque apenas estratégias não garantem o cumprimento dos assuntos. Também chamou atenção para a precariedade do transporte escolar que atende as crianças.

Esse momento de diálogo com a Associação foi importante para que entendêssemos seus anseios quanto ao ensino e, a partir daí, traçássemos a metodologia que usaríamos para atender suas expectativas.

Diante da preocupação com o desconhecimento da história dos quilombos por professores que atuam na escola, mas que não são quilombolas, sabíamos que seria fundamental investir na formação dos professores e professoras da escola. A partir das conversas com a comunidade, percebi que a marca da identidade quilombola da Caveira é a história de resistência e a valorização da terra. Se, no passado, a produção de farinha os unia, agora são as memórias de resistência que fortalecem essa identidade.

Existe uma tendência à folclorização das comunidades e uma errônea ideia de que, se é quilombola, pratica jongo e segue uma religião de matriz africana. As visões estereotipadas dessas comunidades têm muito a ver com a estigmatização que elas sofrem. Ser negro não comporta só uma identidade ou uma expressão cultural.

O principal objetivo da criação da Coordenação de Educação Escolar Quilombola era construir uma proposta curricular diferenciada. Para essa construção era necessário reunir os professores(as) e posteriormente toda a comunidade escolar e comunidade quilombola, para mediar os debates que resultariam no documento.

Para conceber essa educação quilombola e antirracista, era imprescindível a participação dos quilombolas da Caveira, detentores do saber, para ouvir deles como deveria ser o Currículo quilombola. Para tal, buscamos nos reunir com a Associação de Remanescentes, o que aconteceu oficialmente três vezes na escola (23 de setembro de 2021, 23 de maio de 2022 e 03 de outubro de 2022). Além disso, nos encontramos em eventos, conversamos através de ligação telefônica inúmeras vezes, como também em encontros esporádicos pela Secretaria de Educação. O presidente da Associação, Roberto dos Santos e a vice-presidente Thainara Santos também participaram de uma das formações de Educação Quilombola na escola.

Em todos os encontros realizados com a Associação, reforçamos a importância da participação da comunidade na construção do currículo e na reformulação do Projeto Político

Pedagógico. Esclarecemos o cunho pedagógico do nosso trabalho na escola e nos colocamos à disposição para esclarecer qualquer dúvida. Convidamos para que participassem de nossas formações e levassem os temas que desejavam que fossem inseridos no Currículo a respeito das histórias do quilombo.

Foi buscando famílias tradicionais do quilombo que consegui ter acesso a informações sobre seus saberes e visões sobre a escola. Destaco a grande contribuição do Sr. João dos Santos e sua família, como também de Jaqueline Emília Pereira Teixeira, Jandir dos Santos, Sr. Genilda Silveira Dutra e Dona Maria dos Santos. Ademais, foram fundamentais as conversas nos corredores da escola com funcionários quilombolas, como também com os responsáveis dos alunos e alunas nos eventos da escola.

Era preciso escutar a comunidade, ideia de escuta sensível que Alessandro Portelli defende em sua obra “História oral como arte da escuta” (2016). No meu contato com a comunidade, precisei entender que o currículo diferenciado que os quilombolas almejam não pode ser um apanhado de conteúdos que eu considere o melhor, mas sim o que faz sentido para esta comunidade. Como afirma Portelli (2016), a História oral é primordialmente uma arte de escuta e toda escuta envolve respeito.

Rovai (2020) chama atenção para a construção de comunidades de escuta e aborda a importância “das narrativas dos chamados “historiadores locais”, sem negligenciá-los ou estabelecer hierarquias, num encontro de saberes que deve permitir, humilde e coletivamente, a democratização do fazer histórico e historiográfico” (Rovai, 2020, p. 141). A pesquisadora usa o termo “desencastelar” e desafia os historiadores a reverem suas posturas,

O desafio que se coloca é o de nos propormos não mais a “traduzir” a história a um público passivo, tratado apenas como audiência, mas nos relacionarmos com o mundo de forma humilde e politizada, levando em conta a necessidade de escuta e interação com outras narrativas e saberes. (Rovai, 2020, p. 133).

Paralelo às reuniões com a Associação e os diálogos juntos aos quilombolas que trabalham na escola, fui buscando entender quais eram esses saberes tão caros à comunidade e que deveriam estar nessa proposta curricular. Tais saberes são conhecimentos da comunidade que os identificam e são passados de geração em geração.

Para a construção desse currículo desejado pelos mais velhos, também aconteceram, durante todo o ano de 2022, cursos de formação mensal para os professores(as) da escola,

promovidos pela nossa coordenação, que proporcionaram diálogos e reflexões sobre o contexto histórico e cultural que envolve tanto a Escola como a importância de uma Educação Antirracista.

Nesses encontros, utilizamos obras de autores e autoras negras, como, por exemplo, Abdias Nascimento, Djamila Ribeiro, Silvio Almeida, Nilma Lino Gomes, Givânia da Silva, Gessiane Nazario, entre outros. Como recomendam as Diretrizes do Ensino das Relações étnico-raciais, debatemos conceitos como raça, etnia, racismo, discriminação, tolerância, estereótipos e apresentamos sugestões de materiais e debatemos sobre a aplicabilidade de atividades que contribuam com essa Educação Antirracista.

Nosso objetivo nessas formações era o de mediar reflexões que possam propiciar aos professores e professoras novos olhares sobre os materiais utilizados em suas aulas e que eles possam, de forma autônoma e crítica, escolher materiais pedagógicos e recursos que atendam a essa educação, visto que muitos professores têm dificuldade em desenvolver aulas que trabalhem questões consideradas sensíveis, como o racismo. Muitos não se sentem com conhecimento suficiente para abordar a questão, ou temem a reação dos alunos e responsáveis, numa época em que muitos educadores são acusados de doutrinação ideológica.

Muitos educadores(as) carregam consigo a crença de que não existem materiais ou de que é difícil abordar tais temáticas, optando em ignorar muitas vezes a cultura africana e indígena, como o contexto que envolve a escola. É fato que hoje existem inúmeros materiais, inclusive produzidos pelo ProfHistória, que abordam esses temas, vistos como escassos pelos educadores.

Diante dos relatos do corpo docente, reuni fontes sobre a comunidade da caveira para disponibilizá-las aos professores no planejamento de suas aulas, contextualizando com a história do Quilombo. A ideia não é planejar para os docentes, mas fornecer ferramentas pedagógicas para que eles possam adaptar a sua realidade de sala de aula.

Durante as formações, discutimos a Educação Escolar Quilombola e começamos a construir a proposta curricular da escola que irá complementar a proposta curricular oficial já existente na rede municipal de Educação de São Pedro da Aldeia, respeitando a BNCC. No final de cada encontro, os professores eram divididos em grupos e, de acordo com o ano de escolaridade que lecionaram, sugeriram as habilidades quilombolas que deveriam fazer parte do currículo.

Participaram dessa construção os docentes, equipe de assessoramento pedagógico,

direção da escola e coordenação de Educação Escolar Quilombola. Das professoras que atuaram nessa construção, quatro delas são quilombolas. Da equipe diretiva, a diretora adjunta também é quilombola e defende tanto a E.E.Q quanto a Educação Antirracista.

A ideia é um currículo que valorize os saberes tradicionais, como, por exemplo, o uso que fazem de plantas medicinais para curar enfermidades, a produção de farinha e a contação de histórias pelos grãos.

Além disso, são realizadas atividades na escola sobre as tradições orais, como “A Vacaque colocava leite em pó”, a “história da enxada”, “o susto do coelho” e tantas outras. Essas histórias foram escritas pela professora quilombola Gisele Dutra que as ouvia de seu avô paterno Simeão Dutra. Esse material está disponível na unidade escolar e no *website*. Gisele é do Quilombo da Caveira e tem muito orgulho de sua identidade quilombola.

Além disso, realizamos no ano de 2022, Silvia e eu, encontros com a equipe de apoio, por entendermos que todos os funcionários e funcionárias da escola são educadores e referências para os alunos, como também com os responsáveis, ressaltando a importância de todos e todas participarem dessa construção do currículo e da reformulação do Projeto Político Pedagógico. Na ocasião, explicamos aos pais o que é a Educação Escolar Quilombola e a importância da valorização da história local no currículo. Esse momento foi importantíssimo, já que nem todos os alunos são quilombolas e, portanto, nem todas as famílias conhecem a história da comunidade e a importância de sua abordagem em sala de aula.

As estratégias para a Educação Escolar Quilombola devem ser construídas no processo de cada comunidade e pode ser variado. Elas vão desde trabalhar árvore genealógica até a contação de histórias, mas o fato é que não existe EEQ sem diálogo com a comunidade. Esse é o princípio básico dessa Educação e deve ser respeitado.

Uma estratégia utilizada na escola é analisar a história da comunidade a partir das biografias de quilombolas da Caveira, em especial Dona Rosa Geralda da Silveira. O uso de biografias foi defendido por mim e aceita como estratégia para a Educação Escolar Quilombola da escola.

O contato da nossa coordenação com os alunos também acontece, tentamos sempre que possível participar dos projetos gerais da escola e realizamos anualmente rodas de conversa com os alunos do 4º e 5º ano, para falar sobre racismo e bullying.

4. Resultados e discussões

Ao longo da pesquisa, encontrei artigos e dissertações sobre Caveira, como também publicações em livros e documentários. Constatei que a dificuldade do corpo docente é transformar o conhecimento produzido em recurso para sala de aula, adaptando ao currículo e à faixa etária dos alunos. Dessa forma, a compilação de material, planos de aula e atividades nosite seria um facilitador para o corpo docente.

O *website* foi construído no *Google sites*, porque considero uma ferramenta de criação fácil de editar e que tem os recursos necessários. Nesse processo de criação, testei uma hospedagem no provedor *Hostinger*, utilizando o *WordPress*. Porém, achei difícil utilizar essa ferramenta e, como o meu objetivo era um site fácil de ser alimentado e editado, optei pelo *Google Sites* e comprei o domínio, com recursos próprios, www.quilombocaveira.com. Para construí-lo, assisti tutoriais no *Youtube*.

O site reúne diversos materiais pedagógicos, planos de aula, documentários e as biografias de quilombolas importantes para a comunidade. Além de recurso pedagógico para os professores, o *website* também servirá de acervo para a comunidade quilombola da Caveira, principalmente no que diz respeito à escola quilombola, um marco nas conquistas do Quilombo. A proposta é articular as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) com o ensino de História como uma possibilidade de colocar a tecnologia de comunicação a serviço de tornar visível e acessível a História do Quilombo da Caveira para docentes, discentes e toda comunidade escolar, como também para fora dos muros da escola e até mesmo do quilombo.

Trazer as experiências de vida da comunidade para sala de aula através dos relatos de luta pela terra, do papel das mulheres, da produção de alimentos e uso das ervas medicinais para homeopatia, não significa renunciar aos saberes formais necessários aos alunos e que a maioria deles só tem acesso na escola. O conhecimento especializado oferecido pelas escolas que Michael Young (2007) chama de *conhecimento poderoso* também é extremamente importante e emancipatório para os alunos.

O resultado já é visível na escola. Se, antes, muitas professoras achavam difícil conciliar a Educação Escolar Quilombola com o Ensino Formal institucionalizado, hoje algumas já compreendem que não são conhecimentos a parte, mas que devem estar intrínsecos a este conteúdo. Nesta tarefa, a estratégia mais usada foi o uso de biografias, algo que eu defendi ao longo desses anos e fui a campo buscar, como também outras informações, como por exemplo alimentos cultivados na comunidade.

5. Considerações finais

Apesar do debate sobre “a história única” parecer que já foi ultrapassado diante de umagama de trabalhos acadêmicos e de materiais pedagógicos produzidos, ainda é um desafio a suautilização e as estratégias que as escolas escolhem para trabalhar a questão étnico-racial.

É necessário trabalhar ao longo de todo o ano letivo atividades que tratem da África e da história do povo negro no Brasil numa perspectiva positiva, não só de denúncia da miséria e discriminações. É importante a realização de projetos significativos e de diferentes naturezas, com vistas à divulgação e estudo da participação dos africanos e de seus descendentes em episódios da história do Brasil, na construção econômica, social e cultural da nação, destacando-se a atuação de negros em diferentes áreas do conhecimento, de atuação profissional, de criaçãotecnológica e artística e de luta social.

A Educação Quilombola é primordial para o fortalecimento das comunidades e para o seu exercício de direito. Então podemos concluir que o apagamento dessas várias histórias pode ser também considerado um projeto político de dominação de minorias e até de extermínio, em muitos os casos.

É fundamental implementar de forma plena as DCN's quilombolas, ofertando aos professores uma formação adequada, como também garantir que a escola quilombola tenha funcionários quilombolas, o que pode ser possível com um concurso próprio, como o ocorrido no Quilombo de Conceição das Crioulas, no município de Salgueiro, em Pernambuco.

Outro caminho importante é garantir através do Ensino de História a valorização da memória coletiva e a trajetória de luta pela terra dessa comunidade. O direito de conhecer sua história é uma questão de (re) conhecimento, mas também de cidadania.

Diante da falta de materiais pedagógicos para a Educação Escolar Quilombola da E.M. Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira, elaborei o *website* www.quilombocaveira.com, utilizando como uma das principais estratégias o uso de biografias de personalidades do Quilombo da Caveira. O *website* é uma forma de atingir um número maior de pessoas e democratizar o acesso às informações.

Nesse processo de construção de uma pedagogia própria e de um currículo diferenciado, é imprescindível um olhar sensível para o professor(a). Por isso nossa preocupação com as formações de Educação quilombola e reuniões pedagógicas, onde eles podem falar e serem ouvidos. A metodologia de Educação quilombola e antirracista criada baseia-se em ouvir, escutar e deixar falar.

A Educação escolar quilombola é uma categoria recente e em disputa. Os municípios têm o dever de reconhecer o direito dessas comunidades a essa Educação e criar políticas públicas para que de fato ela aconteça, nem que para isso as comunidades precisem judicializar a questão. É direito a dignidade. É reparação histórica.

Referências

- ACCIOLI, Nilma. *José Gonçalves da Silva à Nação Brasileira: o tráfico ilegal de escravos no antigo Cabo Frio*. Niterói: FUNARJ/Imprensa Oficial, 2012.
- ARRUTI, J.M. *Conceitos, normas e números: uma introdução à Educação Escolar Quilombola*. Revista Contemporânea de Educação, vol. 12, n. 23, jan/abr de 2017.
- BARTH, Fredrik. *Etnicidade e o Conceito de Cultura*. Niterói, n.19, p. 15-30, 2. sem.2005.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 5 de outubro de 1988.
- BRASIL. *Lei 10.639* de 9 de janeiro de 2003. D.O.U. de 10 de janeiro de 2003.
- BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações ÉtnicoRaciais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: MEC, 2004.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2015. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/relatorios-analiticos/BNCC-APRESENTACAO.pdf>. Acesso em: 02 mar. de 2024.
- COSTA, Luciana Célia da Silva. *Quilombo de Caveira*. Belo Horizonte: NUQ/FAFICH: OJB/FAFICH, 2016.
- NAZARIO, Gessiane. *O desafio da mudança: Educação Quilombola e luta pela terra na comunidade quilombola Caveira do Rio de Janeiro*. Tese (doutorado em Educação) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e voz, 2016.
- ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. *História Pública: um desafio democrático aos historiadores*. In: *Coleção História do Tempo Presente: volume 2* / Tiago Siqueira Reis et al. organizadores. – Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.
- SILVA, Danilo Alves da. In: Fronza, Marcelo. *Ensino de História e internet: aprendizagens conectadas*. São Paulo: Paruna Editora, 2021.
- SILVA, Givânia Maria da. *Educação e luta política no quilombo de Conceição das Crioulas*. 1.ed. Curitiba: Appris, 2016.

SOARES, D. G.; MAROUN, K.; SOARES, A. J. G. *A construção social de uma escola quilombola, a experiência da Comunidade Caveira, RJ*. Revista Brasileira de Educação, v.27, p. 1-23, 2022.

La construcción de una escuela quilombola: desafíos y perspectivas

Resumen

A Escola Municipal Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira em São Pedro da Aldeia, Rio de Janeiro, é uma conquista da comunidade da Caveira e o seu nome homenageia Dona Rosa, grande liderança local, produtora de farinha, poetisa e sindicalista. Diante do contexto de luta e resistência do quilombo e da preocupação da comunidade com a preservação de suas histórias, fiz o seguinte questionamento: “¿De que forma as narrativas sobre a comunidade poderiam ser inseridas no currículo escolar e dar mais significado à aprendizagem dos alunos? ” A partir de la mínima experiencia en la escuela, se percibe la necesidad de construir un material pedagógico para una unidad escolar y un acercamiento público para una comunidad con el objetivo de ofrecer visibilidad, conocimiento y divulgación sobre el protagonismo negro y quilombola de Caveira. Este material está disponible en el sitio web www.quilombocaveira.com como forma de aliar e articular as narrativas orais dos anciãos da comunidade da Caveira com a sala de aula e a escola. Esse trabalho também tem como objetivo que os alunos da escola conheçam e tenham acesso à história local e à história do Brasil a partir de das pessoas que a construíram como ferramenta de uma Educação Antirracista.

Palavras-chave: Educação Escolar Quilombola; Educación Antirracista; Quilombo da Caveira; Sitio web;

A Construção de uma escola quilombola: défis et perspectives

Résumé

L'école municipale Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira à São Pedro da Aldeia, Rio de Janeiro, est une conquête de la communauté de Caveira et son nom de famille Dona Rosa, grande dirigeante locale, productrice de farine, poète et syndicaliste. En ce qui concerne le contexte de la vie et de la résistance au quilombo et la préoccupation de la communauté pour la préservation de son histoire, voici la question suivante : « De quelle forme les récits de la communauté pourraient-ils être inscrits dans un programme scolaire et d'une manière plus significative pour l'apprentissage des élèves ? » À partir de ma petite expérience scolaire, je perçois la nécessité de construire un matériel pédagogique pour l'unité scolaire et un engagement public pour la communauté comme objectif d'offrir une visibilité, une connaissance et une divulgation du protagoniste noir et du personnage de Caveira. Ce matériel est disponible sur le site Web www.quilombocaveira.com sous forme d'aliar et d'articulé en tant que narrativas orais dos anciãos de la communauté de Caveira avec la salle d'école et l'école. Il travaille également comme objectif que les anciens de l'école conçoivent et aient accès à l'histoire locale et à l'histoire du Brésil à partir des personnes qui construisent comme un ferrament d'une éducation antiraciste.

Mots-clés: Educação Escolar Quilombola; Éducation antiraciste; Quilombo de Caveira; Site web;

A construction of a quilombola school: desafios and perspectives

Abstract

At Escola Municipal Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira in São Pedro da Aldeia, Rio de Janeiro, she was the conqueror of the community of Caveira and her homemaker Dona Rosa, great local leader, farinha

producer, poet and trade unionist. Diante do contexto de luta e resistência do quilombo e da preocupação da comunidade com a preservação de suas histórias, fiz o seguinte questionamento: “De que forma as narrativas sobre a comunidade poderiam seridas no currículo escolar e dar mais significado aprendizagem dos alunos?” From my minimum educational experience, I realize the need to build a teaching material for a school and public education for a community with the object of offering visibility, awareness and disclosure of black protagonism and the Caveira movement. This material is available on our web site www.quilombocaveira.com as a form of language and articular as narratives or from previous community of Caveira as a family and school. This work also has the same object as the students of the school and has access to local history and the history of Brazil from the lessons that have been constructed as the foundation of an Anti-Racist Education.

Keywords: Educação Escolar Quilombola; Anti-Racist Education; Quilombo da Caveira; Website; Quilombo da Caveira;